

Mito e Racionalidade científica: notas a partir do livro Mito e Razão de Gadamer

Itamar Luís Hammes¹

RESUMO: Mesmo que vivamos aparentemente numa época da razão não é menos certo que as questões sobre o mito interessam agora mais do que nunca. Porém, tratar do mito hoje implica, necessariamente, confrontá-lo com o pensamento racional, com a ciência e a técnica. Uma filosofia do mito deve necessariamente abordar a pergunta: Que papel desempenha o mito em uma sociedade dominada pela razão científica? Um autor que discute este tema é Hans-Georg Gadamer em seu livro Mito e razão. Gadamer mostra a tensão que o pensamento ocidental tem experimentado desde o mundo grego entre mito e logos, entre imagem e conceito. O positivismo havia atribuído ao mito uma falsa especulação. No entanto, o mito tem sua própria riqueza e credibilidade e por isso deve ser uma tarefa propriamente filosófica fazer justiça a esta dimensão do mito. Trata-se de compreender a palavra, a linguagem, em toda sua complexidade para tratar o fenômeno mítico sem abandonar o logos. Se é certo, como sustenta Gadamer, que não há cultura sem horizonte mítico, é necessário situar o mito na época da ciência, porque sem o mito resulta impossível compreender a complexidade do mundo contemporâneo.

1.1 Questões introdutórias

Em uma época como a nossa, onde a ciência e a tecnologia de certa forma determinam a vida das pessoas, falar do mito parece não ter muito sentido. Talvez seria mais apropriado falar em razão ou logos. Afinal, a promessa de um mundo desencantado, parece ter se confirmado. Gadamer, porém, acredita que o mito tem uma tarefa filosófica. O mito, assim como a arte e a religião são campos da experiência humana que seguem iluminando existencialmente o homem e não devem ser ignorados pela hermenêutica.

Para Gadamer há uma tensão no pensamento ocidental entre o mito e o logos que remonta ainda aos gregos. O positivismo havia atribuído ao mito uma falsa especulação. No entanto, o mito tem sua própria riqueza e credibilidade e, por isso, deve ser uma tarefa propriamente filosófica fazer justiça a esta dimensão do mito. Trata-se, em definitivo, de compreender a palavra, a linguagem, em toda a sua complexidade para tratar o fenômeno

¹ Doutorando em Filosofia na PUCRS, orientado pelo professor Dr. Nythamar de Oliveira.

mítico sem abandonar o logos. Se é certo, como sustenta Gadamer, que não há cultura sem horizonte mítico, é necessário situar o mito na época da ciência, porque sem o mito resulta impossível compreender a complexidade do mundo contemporâneo. É necessário, como afirma Gadamer, se perguntar sobre o papel que desempenha o mito em uma sociedade dominada pela razão científica.

Neste artigo queremos, portanto, perseguir esta idéia gadameriana sobre o papel do mito em nossa sociedade dominada pela razão científica. Tomaremos como eixo os textos publicados no livro de Gadamer intitulado *Mito e Razão*². Perguntamos com Gadamer: Que papel desempenha o mito em nossa sociedade dominada pela razão científica? Há algum passo do mito ao logos e qual é sua relação? Que tipo de saber e verdade é o mito? É compreensível o mito ou a experiência mítica com a linguagem da ciência? Qual é a relação entre linguagem, pensamento e conceito?

1.2 A questão do mito na Ilustração e no Romantismo

Para dar conta destas questões é necessário, como afirma Gadamer, que a filosofia contemporânea reconheça sua dupla origem: de um lado a filosofia da ilustração que acredita na força da razão e na capacidade das ciências experimentais. E, de outro, o romantismo, que exalta a poesia e o mito. Um dos temas que expressa esta bipolaridade do pensamento moderno é a relação entre mito e razão. O racionalismo moderno da ilustração concebeu o mito como um conceito oposto a explicação racional do mundo. A imagem científica do mundo se compreende a si mesma como dissolução da imagem mítica do mundo. O pensamento científico classificou como mitológico tudo o que não pode ser verificado mediante a experiência metódica. De maneira que a progressiva racionalização também deixou toda a religião a mercê da crítica (GADAMER, 1997, p. 14).

É importante ressaltar que Gadamer quase sempre relaciona o mito com as ciências e a ilustração. O pensamento moderno ilustrado era impulsionado pelo ideal das ciências, da idéia de progresso. A imagem mítica, neste sentido, se opõe a imagem científica. Porém, o mito obtém um novo valor a partir da crise da imagem científica do mundo, da razão e o fracasso da modernidade. A crítica a ilustração moderna já foi antecedida pelo Romantismo e o

² Os textos recolhidos correspondem ao volume das Obras Completas de Gadamer intitulado *Kunst als Aussage* (Arte como linguagem). com exceção de um dos textos “Mito e Razão”, publicado em 1954, os outros textos todos foram escritos entre os anos de 1981 e 1992.

historicismo nos séculos XVIII e XIX. Estas correntes críticas desmascararam a falsidade do projeto civilizador da razão científica.

Nas discussões que Gadamer estabelece em seus textos destaca-se especialmente a polêmica com Max Weber . O desencantamento do mundo que Weber havia projetado, sobretudo, em seu livro *Ciência como vocação* é um ponto de referência obrigatório. Para Gadamer não se pode sustentar que o mundo está desencantado, que falta magia ou religião. Assim os observadores da atual situação mundial podem enumerar muitos indícios que testemunham a presença de motivações religiosas também em nossa época da ciência. Portanto, é questionável a validade do esquema que percebe no desencantamento do mundo a lei do desenvolvimento da história que conduz necessariamente do mito ao logos, a imagem racional do mundo (GADAMER, 1997, p. 14). Para Gadamer o desencantamento do mundo não é uma lei geral de desenvolvimento (Como em Weber), mas um fato histórico. Gadamer se opõe a idéia da tradição filosófica que acreditava existir um passo do mito ao logos. O esquema de desencantamento do mundo não é para Gadamer de modo algum uma lei geral de desenvolvimento, mas que ele mesmo é um fato histórico. Afirma Gadamer:

“O passo do mito ao logos, o desencantamento da realidade, seria a direção única da história somente se a razão desencantada fosse dona de si mesma e se realizara em absoluta posse de si mesma. Porém, o que vemos é a dependência efetiva da razão do poder econômico, social, estatal. A idéia de uma razão absoluta é uma ilusão. A razão somente é enquanto é real e histórica. Ao nosso pensamento custa reconhecer isto” (1997, p. 20).

A questão que se coloca, porém, é se é possível compreender o fenômeno do mito com a linguagem da ilustração, da ciência ou com a palavra do logos? Para Gadamer, o Romantismo colocou novo valor no mito e, desta forma, abriu um amplo campo de novas investigações. “Se investigou os mitos e os contos por seu significado, isto é, pela sabedoria. O mito tem, em relação com a verdade, o valor de ser a voz de um tempo original mais sábio” (GADAMER, 1997, p. 16). A herança do Romantismo consiste em que desde então a palavra e o conceito de mito estão imbuídos de um novo significado. O mítico representa um novo conceito valorativo. Na visão de Gadamer “Nietzsche somente deu um pequeno passo adiante quando na segunda consideração intempestiva viu no mito a condição vital de qualquer cultura. Uma cultura somente podia florescer no horizonte rodeado de mito” (GADAMER, 1997, p. 16).

Como afirma Mèlich a reflexão de Gadamer procura tratar “o fenômeno mítico sem abandonar o logos. Se é certo, como sustenta nosso filósofo, que não há cultura sem horizonte mítico, é necessário situar o mito na época da ciência, porque sem o mito resulta impossível compreender a complexidade do mundo contemporâneo” (1997, p. 11).

1.3 O mito como busca de autocompreensão

Para Gadamer a enfermidade de nossa época é a cegueira e a indiferença em relação ao que passa na raiz mesma de nosso ser. O que é fato, para Gadamer, é que somente recuperando o valor e o significado do mito que se é capaz de dar uma alternativa ao modelo racional do mundo.

A palavra *mythos* é uma palavra grega e no antigo uso lingüístico homérico não significava outra coisa que “discurso, proclamação, notificação, dar a conhecer uma notícia” (GADAMER, 1997, p. 25). Gadamer define o mito como o dito, a lenda, de modo que o dito nesta lenda não admita nenhuma outra possibilidade de ser experimentado que receber o dito. A palavra grega que os latinos traduzirão por “fábula” entra em oposição conceitual com o logos que pensa a essência das coisas e de este pensar obtém um saber das coisas constatável em todo o momento (1997, p. 17). Os mitos são, sobretudo, histórias de deuses e sua ação sobre os homens. Porém, mito significa também a história mesma dos deuses tal como, por exemplo, é narrada por Hesíodo em sua Teogonia.

Gadamer sugere uma volta aos gregos, especialmente a filosofia de Platão, onde existe uma certa empatia entre mito e logos e uma integração da tradição com uma refinada reflexão conceitual. Embora o caminho da racionalização da imagem mítica do mundo somente tenha sido mostrada em uma direção que vai dos gregos a ciência, a tradição mítica carrega um momento de apropriação pensante e se realiza sempre, voltando a dizer interpretativamente o dito na lenda (GADAMER, 1997, p. 28).

A crítica do mito realizada pelo pensamento moderno considerou a imagem mítica do mundo como conceito contrário a imagem científica do mundo. Enquanto a imagem científica do mundo se caracteriza por “fazer do mundo algo calculável e dominável mediante o saber, qualquer reconhecimento de poderes indisponíveis e indomináveis, que limitam e dominam nossa consciência são considerados, nestas circunstâncias como mitologia” (GADAMER, 1997, p. 18). Porém, isto significa que qualquer experiência que não seja verificada pela ciência se vê arrancada no âmbito não vinculante da fantasia, de modo que tanto a fantasia criadora de mitos como a faculdade de juízo estética já não podem erigir uma pretensão de verdade.

O mito e a razão tem, portanto, uma história comum, discorrem segundo as mesmas leis. Não é a razão que desencantou o mito e, em continuidade, ocupou o seu lugar. Afirma Gadamer:

“A Ilustração radical do século XVII resultou como um episódio... É desta forma que a consciência romântica que critica as ilusões da razão ilustrada adquire positivamente um novo direito. Unido a àquele impulso ilustrado há também um movimento contrário da vida que tem fé em si mesma, um movimento de proteção e conservação do encanto mítico na mesma consciência; há, sem dúvida, o reconhecimento de sua verdade (1997, p. 20).

Para Gadamer é necessário reconhecer a verdade dos modos de conhecimento que se encontram fora da ciência para perceber no mito uma verdade própria. A arte, a religião, a poesia e o mito são respostas nas quais a existência se compreende a si mesma. O racional de tais experiências é que elas permitem uma compreensão profunda do mundo e de si mesmo. Ao mesmo tempo Gadamer reconhece que a autoconhecimento acontece também quando se olha a si mesmo em algo que excede a razão mesma. Portanto àqueles modos de conhecimento não devem ser relegados ao âmbito das meras configurações da fantasia. “Que a experiência que a arte faz do mundo lhe corresponde um caráter vinculante e que este caráter vinculante da verdade artística se assemelha a da experiência mítica, se mostra em sua comunidade estrutural” (GADAMER, 1997, p. 21). Para Gadamer a Filosofia das *Formas simbólicas* de Ernst Cassirer abriu um caminho de reconhecimento destas formas extra-científicas da verdade. “O mundo dos deuses míticos, enquanto manifestações mundanas, representa os grandes poderes espirituais e morais da vida” (GADAMER, 1997, p. 21).

Para Gadamer a razão se refere tanto a uma faculdade do homem como uma disposição das coisas. Os gregos chamaram nous para fazer valer a correspondência entre a consciência pensante e sua adequação a ordem racional do ente. Em Kant, a razão é a faculdade das idéias. A exigência principal dela é a unidade em que se coordena a diversidade da experiência. A essência da razão é a absoluta posse de si mesma, de tal maneira que refaça tudo aquilo que é distante ou externo a ela, ou meramente accidental dos fatos.

A mera multiplicidade, afirma Gadamer, não satisfaz a razão. Esta quer examinar o que produz a multiplicidade e como se forma. Na lógica tradicional a razão é a faculdade de deduzir, isto é, a capacidade de adquirir conhecimentos a partir de conceitos puros sem o auxílio da experiência nova. O traço essencial comum que se traça em todas estas definições

conceituais de razão é que há razão onde o pensamento dá conta de si mesmo no uso matemático e lógico e no agrupamento do diverso sob a unidade do princípio.

Se a hermenêutica quer que os textos falem novamente precisa buscar as palavras e os conceitos onde eles nascem. Saga e Mythos se referem a este passar de boca e boca, de geração em geração, mediante os quais nos transmitem experiências do mundo da vida. Em todas as narrações de deuses e heróis se encontra um encontro especial de liberdade, um encontro cujo significado permanente pode enriquecer nosso saber.

A idéia de uma razão absoluta é uma ilusão. Depois da Ilustração vemos como a razão sempre se encontra subordinada ao poder econômico, social ou político. A consciência romântica vem fazer a crítica as ilusões da razão ilustrada, o que permitiu que a poesia, a religião e o mito se tornassem relevantes para repensar o poder originário da razão. A razão deve e pode recuperar esta autocompreensão que vai além de si mesma e reconhece que a experiência humana é muito mais vasta e ampla do que a tradição moderna a obriga reconhecer.

A linguagem, na visão de Gadamer, não fundamenta, mas abre caminhos. Segue sendo, como ela mesma aprendeu de Platão a conversação da alma consigo mesma e com outros seres que querem entender a vida em sua verdade. A hermenêutica filosófica busca, assim, atualizar novamente o valor e o significado do mito para uma melhor compreensão e colaboração dos homens entre si. “Quem fala elege suas próprias palavras porque procura responder. Qualquer tentativa de pensamento é uma tentativa de iniciar uma conversação e isto se pode aplicar perfeitamente à filosofia, que pergunta sempre mais além do fixado pela experiência” (GADAMER, 1997, p. 117).

1.4 Referências bibliográficas

GADAMER, Hans-Georg. Mito y Razón. Traduzido para o espanhol por José Francisco Zúñiga Garcia. Barcelona: Paidós Ibérica, 1997.

GADAMER, Hans-Georg. A cultura e a palavra. In: _____. Elogio da Teoria. Traduzido por João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70. p. 9-21.

GADAMER, Hans-Georg. *Ästhetik und Poetik I: Kunst als Aussage*. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1993, GW 8.

MÉLICH, Joan-Carles. Prólogo. In: GADAMER, Hans-Georg. Mito y Razón. Traduzido para o espanhol por José Francisco Züniga Garcia. Barcelona: Paidós Ibérica, 1997. p. 9-11.